



Lurildo R. Saraiva
Prof.º do Departamento de Medicina Clínica
CCS - UFPE

Memórias de tempos utópicos,
nos bastidores da luta heróica,
de jovens enlouquecidos por justiça e liberdade.

Dia desses, um camponês avistou pela primeira vez o mar.
- Deus do céu, disse ele, tudo isso é água?
- É, Pedro.
- Oxente, e é água braba!

Em 1968, na França, o filme "O balão vermelho", de Albert Lamorisse, foi considerado o melhor filme da década, recebendo o Prêmio Educacional do Ano. É um filme quase mudo, realizado em 1956, que mostra o amor que se cria entre um menino e um balão, que não

Episódio um

Cuidado, Henrique!

Aquela quarta-feira, 28 de maio de 1969, certamente me acompanharia pelo resto da vida.

Na Igreja do Espinheiro, ocupada por jovens e religiosos, me aproximo do caixão. O seu rosto desfigurado, uma mancha enegrecida ocupando a metade da face, a boca aberta, vários dentes extirpados, o olho esquerdo querendo sair da órbita, cabelos arrancados... Choro convulsivamente. Diante daquele corpo tão frágil, violentado, humilhado, juro dedicar a minha vida médica aos mais simples. O meu primeiro filho teria o seu nome: eu lhe prometo.

"Prova de amor maior não há,
Que doar a vida pelo irmão..."

O refrão do canto religioso ecoa na igreja lotada.

Dias antes, às 18h horas, no início de maio, Henrique estivera na pensão onde residia, na Rua Bispo Cardoso Aires. Quanta alegria! - O que é, amigo? - Vamos ver "Um homem, uma mulher"? Este filme de Claude Lelouch fazia enorme sucesso no mundo todo, e aqui também.

Fomos a pé. Ele andava preocupado. O Comando de Caça aos Comunistas metralhara a casa de Dom Helder, nas Fronteiras, e a própria Sede Arquidiocesana do Jeriquiti, destruindo vidraças, com pichações ameaçadoras ao pastor: "fora bispo vermelho comunista". Ele mesmo notava que o seguim há vários dias.

Em primeiro momento, radical como eu era, não gostei do filme: por que tanta badalção? Ele me repreende: e a fotografia? E a música tão marcante? E o amor tão belo, que uniu o casal? Ao sairmos, caminhando na Rua Manoel Borba, lá estava o que o seguia, mostrou-me, um homem de cerca de 40 anos, terno de linho bege, mal posto, um "secreta policial", como era fácil reconhecer naqueles tempos. Cuidado, Henrique, eu devia ter-lhe dito...

"Prova de amor maior não há..."

Na saída do cortejo, Gilda de Souza abre faixa: "A ditadura matou o Padre Henrique". Policiais a cercam, tomam das suas mãos. Outras faixas são abertas, e de novo, violentamente arrancadas. Começam as prisões. Na Avenida Rosa e Silva são distribuídos panfletos: denunciam o estado policial. Agentes do DOPS se infiltram na multidão.

"Eis que eu vos dou o meu novo mandamento, Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado..."

O canto pungente enche a Rua Amélia...

Eu o conhecera numa tarde de um sábado, nos primórdios de 1966, tinha 19 anos. Era neófito da JUC, conduzido por Lígia Robalinho e Fernando Barros. Na igreja do primeiro andar do Jeriquiti, encontro Jurandir Freire, Célia, Teresa Campelo, Paulo Dantas, vários outros universitários. Conheço Jandira, com quem viria a casar-me, vinda de Manaus: "hoje, temos uma Índia entre nós", disse ele, brincando.

mais conseguem separar-se, até ser este destruído pela inveja de outros meninos. Uma linda fantasia, profundamente humana.

Há pouco, no Brasil, o juiz Márcio José de Moraes, que condenou a União no caso Vladimir Herzog, reconheceu: - Em 1968, a ditadura estava extremada.

Em 1969, Rui da Costa Antunes me falou:

- Esta ditadura vai demorar uns 30 anos. O que é isto em termos de História? Nada. Para você, é a própria vida, - Pouco importa. Odeio a injustiça.

Em tempos tão mornos de humanidade, de calor humano, de fraternidade, do épico...

Sua homilia foi sempre revolucionária, o Evangelho era a encarnação do filho de Deus na redenção dos oprimidos, "gente, há também muito mito na Bíblia", era habitual que repetisse:

"Fica mal com Deus, quem não sabe amar, fica mal comigo quem não sabe dar", o canto de Vandrê acompanhava quase sempre a Eucaristia.

"Amai-vos uns aos outros,
como eu vos tenho amado..."

Na Ponte da Torre, vários líderes denunciavam a paixão do Henrique. Falam Marcos Bule de Aguiar e Humberto Câmara Neto, este, segurando, com um tique nervoso, constantemente, o aro dos seus óculos "mais um crime da ditadura militar, que seria derrubada, pela luta dos estudantes ao lado dos camponeses e operários". Rapidamente, somem os dois, ou são escondidos pelos colegas, que formavam a segurança da liderança estudantil.

"Prova de amor maior não há..."

O canto chega à Rua Conde de Irajá.

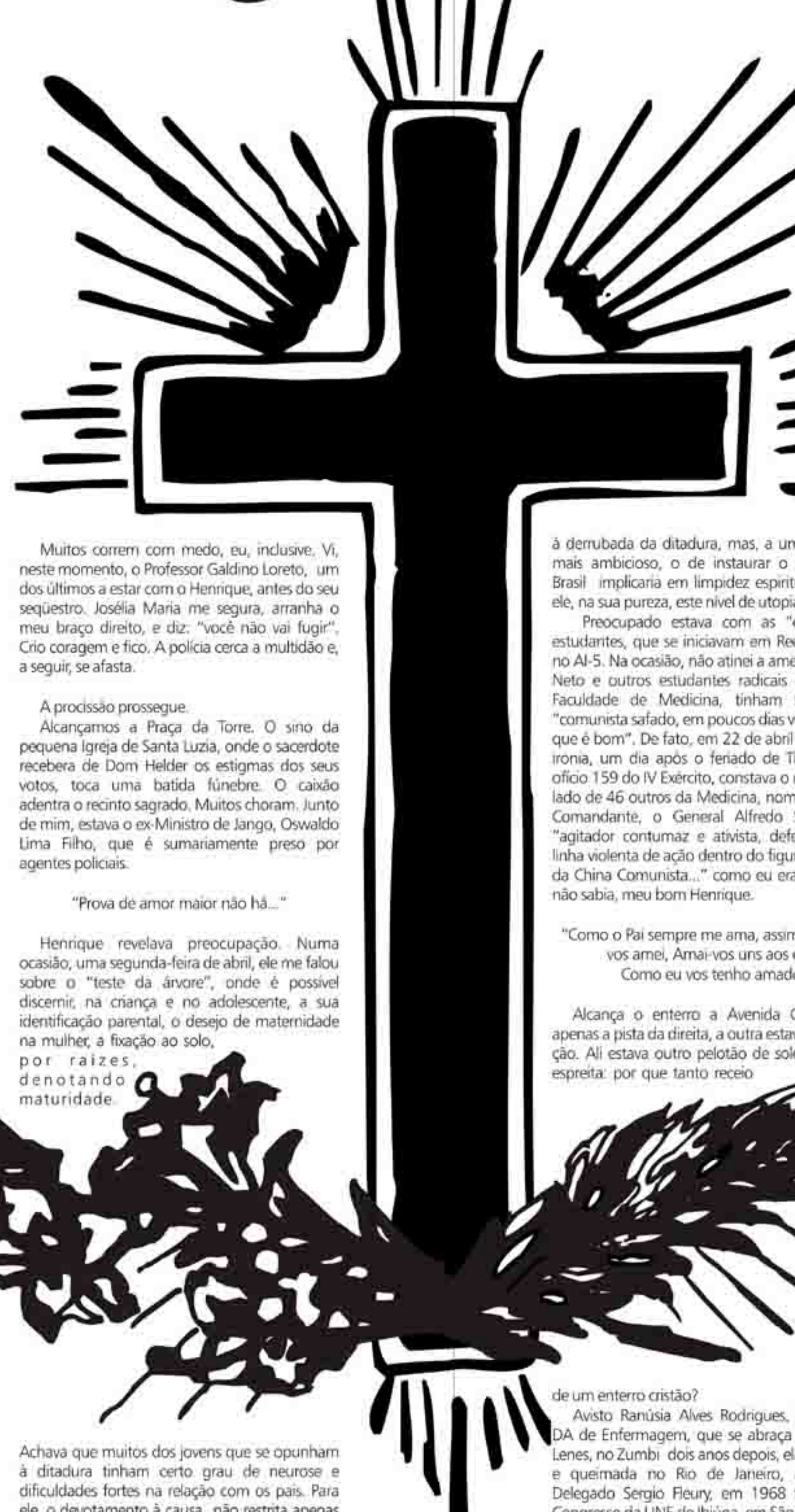
"Abaixo a ditadura", assim gritou Henrique do alto da escadaria da Igreja do Espírito Santo, na Praça 17. Era o sinal combinado para que dezenas de estudantes saíssem das filas de ônibus, que cresceram naquela tarde de abril, para a surpresa dos seus habituais passageiros, possibilitando o início da passeata preparatória da missa de 7º dia da morte de Edson Luís, no Restaurante do Calabouço, no Rio, em março de 1968. Henrique seria o celebrante da missa a ser realizada na Matriz de Santo Antônio. Apesar da intensíssima repressão a polícia afirmou que a passeata não sairia, nós dissemos que sim, sairia, como não! - foguetes pipocaram como um sinal para o ajuntamento.

Corremos todos em direção à Rua da Condição, onde o pau cantou. Escapei, espremendo-me na porta de uma loja, em baixo de uma marquise, e pude ver Cláudio Duque ser apanhado por sua extensa cabeleira e literalmente jogado em um camburão do DOPS.

"Vós sereis os meus amigos, se seguides meu preceito, Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado..."

No cruzamento da Rua Conde de Irajá com a Visconde de Albuquerque, o cortejo é obrigado a parar. A polícia militar, de baionetas em punho, em marcha acelerada, se dirige contra o enterro. Os padres parmentados, gritam: "sentem, cantem.!" O caixão é colocado no chão.

Água braba



Achava que muitos dos jovens que se opunham à ditadura tinham certo grau de neurose e dificuldades fortes na relação com os pais. Para ele, o devotamento à causa não restrita apenas

à derrubada da ditadura, mas, a um projeto bem mais ambicioso, o de instaurar o socialismo no Brasil implicaria em limpidez espiritual. Alcançava ele, na sua pureza, este nível de utopia.

Preocupado estava com as "cassações" de estudantes, que se iniciavam em Recife, com base no AI-5. Na ocasião, não atinei a ameaça que Pedro Neto e outros estudantes radicais de direita, da Faculdade de Medicina, tinham feito a mim: "comunista safado, em poucos dias você vai saber o que é bom". De fato, em 22 de abril de 1969 - por ironia, um dia após o feriado de Tiradentes - no ofício 159 do IV Exército, constava o meu nome, ao lado de 46 outros da Medicina, nomeados por seu Comandante, o General Alfredo Souto Malan: "agitador contumaz e ativista, defensor de uma linha violenta de ação dentro do figurino de Cuba e da China Comunista..." como eu era importante e não sabia, meu bom Henrique.

"Como o Pai sempre me ama, assim também eu vos amo, Amai-vos uns aos outros
Como eu vos tenho amado..."

Alcança o enterro a Avenida Caxangá, com apenas a pista da direita, a outra estava em construção. Ali estava outro pelotão de soldados à nossa espreita: por que tanto receio

de um enterro cristão?

Avisto Rânúzia Alves Rodrigues, Presidente do DA de Enfermagem, que se abraça a minha irmã Lenes, no Zumbi dois anos depois, ela seria fuzilada e queimada no Rio de Janeiro, a mando do Delegado Sérgio Fleury, em 1968 fora presa no Congresso da UNE de Ibiúna, em São Paulo.

Missa concelebrada de corpo presente no dia do enterro de Pe. Henrique



Novamente, em posição de ameaça, os soldados se dirigem contra a multidão, com armas nas mãos. Os padres se sentam, o caixão de novo é colocado no chão, ouvem-se gritos de medo e de protesto. Pessoas do povo choram: por que mataram um padre? Dom Helder pede calma, muita calma. A cavalaria começa a andar, paralela à multidão, amedrontando dez mil pessoas.

"Amai-vos uns aos outros
como eu vos tenho amado..."

A missa de 7º dia da morte do Edson Luís não ocorreu, face à enorme repressão, mas o centro do Recife poucas vezes vinha tanta agitação. A Avenida Guararapes estava tomada pela cavalaria. Gilberto Vilarouco imaginou um estratagemas, que se tomaria uma norma nas passeatas estudantis: bolas de gude eram jogadas nos pés dos cavalos, que escorregavam sobre elas e caíam estrepitosamente. Vendo aqueles enormes animais, avançando contra todos, a ferir e derubar pessoas, proibindo um ato religioso, tomei uma resolução: qualquer forma de ditadura encontraria sempre em mim um oponente, sempre.

Henrique estava ali. Um seminarista conseguiu subir ao campanário da Matriz de Santo Antônio e tocou o sino, a anunciar que a missa iria começar. Apanhou muito, pois os soldados tinham tido ideia parecida, subindo ao telhado. Na calçada, cerca de 40 estudantes começamos a cantar o Hino Nacional, sob intensa emoção, e fomos literalmente empurrados para o recinto da Igreja, onde se encontrava outro grupo de soldados, que nos espremeu de volta, na base de violentas pancadas com os cassetetes "tamanho família". Na confusão, o altar foi quebrado, o que levaria Dom Helder a dizer, em manchete de jornal do dia seguinte: "a maior ofensa não foi à Casa de Deus, mas aos corpos dos jovens, que são o templo vivo do Espírito Santo".

Eu e Jandira conseguimos sair, correndo. Fomos perseguidos por um sargento, que portava uma metralhadora, gritando: "parem, parem, comunistas!" Entramos num bar, em rua próxima ao Diário, sentamo-nos trêmulos, pedimos rapidamente uma coca. Quase no mesmo instante, penetra também o sargento e grita, espumando de raiva: "cadê os dois comunistas que aqui chegaram?" Todos os presentes ficaram calados, num belo gesto de solidariedade.

"Permaneço em meu amor e segui meu Mandamento, Amai-vos uns aos outros
como eu vos tenho amado..."

O canto ecoa na Avenida Caxangá.

Prossegue o enterro e ressurgue a cavalaria, com soldados armados, prontos à agressão. Mesmo que não



Fotos: Arquivo pessoal de José Raimundo Oliva

quiséssermos, tínhamos medo: por que esta ameaça a um enterro do inenso páio universitário, inundado de estudantes, com oradores que se sucediam na denúncia dos crimes da ditadura, o seu, sobretudo, Henrique. Havia barricadas no seu entorno, toda a UNICAP estava cercada de soldados e agentes do DOPS, que, a qualquer momento, iriam invadi-la, com o risco de uma carnificina. Chega Dom Helder. Viera ficar em vigília com a gente. Nós o recebemos com uma imensa alegria sua presença haveria de coibir a violência, prestes a irromper. Você certamente estava conosco. E o Dom permaneceu a noite inteira, e nos tirou incólumes, dali, em grupos de dez...

"Nisto todos saberão que vós sois os meus discípulos, Amai-vos uns aos outros,
como eu vos tenho amado..."

E na tomada simbólica da Católica? Quase não pude entrar no imenso páio universitário, inundado de estudantes, com oradores que se sucediam na denúncia dos crimes da ditadura, o seu, sobretudo, Henrique. Havia barricadas no seu entorno, toda a UNICAP estava cercada de soldados e agentes do DOPS, que, a qualquer momento, iriam invadi-la, com o risco de uma carnificina. Chega Dom Helder. Viera ficar em vigília com a gente. Nós o recebemos com uma imensa alegria sua presença haveria de coibir a violência, prestes a irromper. Você certamente estava conosco. E o Dom permaneceu a noite inteira, e nos tirou incólumes, dali, em grupos de dez...

"Prova de amor maior não há..."

No percurso da Rua General Polidoro, onde o DOPS faria uma encenação do assassinato de José Carlos da Mata Machado, pouco tempo depois, a PM acompanhava o féretro. Encontramos próximas ao cemitério inúmeras viaturas militares, em atitude desrespeitosa a um enterro de um sacerdote. Havia muita raiva em nós todos, o Roberto Guimarães, ao meu lado, comentou: "este crime terá a mesma repercussão que o de Demócrito, na ditadura Vargas" como estava enganado o meu amigo Catatau, esta, mal iniciara o seu rastro de sangue...

"E chegando a minha Páscoa, vos amo até o fim, Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado..."

O cortejo consegue, enfim, chegar ao destino, onde o caixão penetra com dificuldade. O ato em si foi rápido, Dom Helder teria mais violência. Tirou o lenço branco do bolso da batina bege, saudou a todos, e com lágrimas nos olhos, falou: "O nosso irmão Henrique repousa em paz. Saiam com prudência, juntos, em grupo de cinco, não aceitem nenhuma provocação". E após o Pai Nosso, muitos chorando, começamos a sair do recinto. Seriam duas horas da tarde, tínhamos percorrido a pé cerca de 10 km.

Logo adiante, próximo ao prédio-esqueleto do Hospital das Clínicas, vi em um automóvel, o lembrete: Brasil ame-o ou deixe-o.

Aquela quarta-feira, 28 de maio de 1969, certamente me acompanharia pelo resto da vida.

(De "Água braba", Lurildo R. Saraiva)